



Província BM em foco

Ano 8 n.80 - junho de 2010

SUPERIOR GERAL

**CONGREGAÇÃO DOS SACERDOTES
DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS**

Roma, 13 de maio de 2010

Prot. N. 0079/2010

“Dar-vos-ei um coração novo”

Carta por ocasião da Festa do Coração de Jesus

Aos confrades Dehonianos
Aos membros da Família Dehoniana

Irmãos e irmãs,

Celebramos a Solenidade do Coração de Jesus, a um ano do XXII Capítulo Geral, que realçou a necessidade de voltar a centrar a nossa vida em Cristo e rever a nossa herança espiritual, em diálogo com o tempo em que vivemos. Com esta Festa encerra-se também o ano especialmente dedicado aos sacerdotes, que são chamados a encarnar e a exprimir, de uma forma privilegiada, na Igreja e no mundo, o amor de Cristo. Com a reflexão que vos apresentamos, queremos contribuir para viver tais eventos com um olhar sobre as nossas raízes, procurando deixar-nos conduzir pelo Espírito que renova todas as coisas.

Introdução: um caminho no Espírito

Uma Espiritualidade é um caminho, ou melhor, o guia para o caminho, pois o próprio Cristo é que é o caminho, motivação, guia e meta da viagem. Os carismas ou as diferentes “espiritualidades” na Igreja não dividem mas enriquecem o caminho da vida cristã, com motivações, estratégias, momentos de pausa e de motivação, com vistas panorâmicas, objectivos e pontos de esforço. Tudo isto tem como finalidade treinar e ajudar os caminhantes ou peregrinos

a encontrar a alegria e a motivação do caminhar juntos, a não perder de vista as metas a alcançar, a ajudar os demais peregrinos na sua viagem da vida.

Na Igreja, um dom carismático ou uma espiritualidade podem compreender-se *à luz do episódio dos discípulos de Emaús* (Lc 24,13-35). Na sua caminhada, estes dois peregrinos fizeram a experiência pessoal da presença do Senhor ressuscitado que mudou radicalmente a sua viagem. Esse encontro fê-los regressar à comunidade, a Jerusalém, onde ouviram os apóstolos anunciar-lhes: *“O Senhor ressuscitou verdadeiramente!”*. A narração da sua experiência pessoal, que fizeram à comunidade, não substitui nem entra em conflito com a proclamação dos apóstolos, que está na base da fé de toda a Igreja. Antes, a enriquece, oferece-lhe um exemplo e fá-la concreta, tornando-se, ao mesmo tempo, indicação de caminho para tantos outros, até aos nossos dias.

Como para os discípulos de Emaús, as heranças espirituais na Igreja são como *manuals de viagem*, fruto da experiência de alguém ou de um grupo, que fez o percurso e partilhou com outros o que ouviu, sofreu, sonhou e esperou, à luz do Espírito. Tais experiências estão marcadas pelo tempo, pelas circunstâncias e pelas próprias pessoas que as fizeram. Mas, como expressões da presença do Espírito do Senhor ressuscitado, tornam-se fonte de comunhão, de vida e de caminho para a comunidade. Por isso, a vitalidade destas guias exige repensamento e adequação constantes, para responder às condições do tempo e do ambiente, às circunstâncias históricas e a cada grupo de pessoas em caminho. Tal é o desafio que nos é lançado hoje: redescobrir e refazer a experiência do Senhor ressuscitado, vivida e narrada pelo Padre Dehon, como indicação de caminho, a viver e a comunicar à Igreja.

Na hora da morte, o Padre Dehon deu-nos uma indicação que considerava essencial para compreender e viver a sua experiência espiritual: *“Deixo-vos o mais maravilhoso dos tesouros, o Coração de Jesus”* (Cf. *Testamento Espiritual*). Em tais circunstâncias, essa indicação não é uma simples ou piedosa recomendação, mas o núcleo da sua experiência pessoal; o que o motivou, amparou e iluminou na sua vida e no seu ministério, levando-o inclusive à fundação da Congregação. Uma tal experiência, como dizem as nossas Constituições no n.º 2, inspira-se no que o apóstolo Paulo apresenta como centro da própria vida: *“Esta vida na carne, vivo-a na fé do Filho de Deus que me amou e Se entregou a Si mesmo por mim”* (Ga 2,20). Tem ela, portanto, um valor fundacional e caracterizante para todos os que queiram seguir o seu mesmo caminho.

Bem sabemos que esta experiência espiritual se insere em *correntes de pensamento e de espiritualidade seculares*, que florescem no tempo do Padre Dehon, influenciadas pelas circunstâncias históricas da Igreja e da sociedade. Para diversas gerações de cristãos, o ícone do Coração de Jesus foi a forma de se aproximar do amor e da compaixão de Deus, quando expressões teológicas e litúrgicas levavam muitas vezes a considerá-lo distante. A renovação teológica e litúrgica que conflui no Concílio Vaticano II fez sentir a necessidade de rever, purificar e exprimir, de forma nova, os contornos dessa espiritualidade. Por vezes, porém, com a superação de certas concepções e expressões e com o desejo de purificá-las, eliminaram-se apressadamente também aspectos muito importantes, com o risco de “deitar fora a criança com a água do banho”.

Há, portanto, que ter bem presente o que realmente é válido nesta corrente espiritual, de modo especial na forma como se encontra no Padre Dehon, de modo a poder vivê-la e reexprimi-la na Igreja e no mundo de hoje, sem ter de reproduzir modalidades e expressões próprias de outras épocas históricas. O próprio Fundador nos sugere o modo de realizar essa renovação. De facto, a sua visão do “Coração de Jesus”, situa-se, certamente, no contexto do seu tempo, mas

nutre-se profundamente na Sagrada Escritura, que cita nos seus escritos com uma frequência nada comum nos seus dias. Seguindo as suas pegadas, através do caminho da Palavra de Deus, podemos ter um fundamento comum para compreender os princípios fundamentais e as fontes de inspiração e de alimento dessa experiência espiritual.

Na tradição bíblica, de facto, muito antes do que na espiritualidade cristã, o coração, em sentido figurativo-simbólico, ocupa um espaço singular na compreensão da pessoa humana e das suas relações com as outras pessoas e com Deus. Enquanto, na cultura ocidental, a simbologia do coração evoca a emocionalidade e a afectividade/amor, na mentalidade bíblica liga-se, antes de mais, ao conhecimento, à memória, à vontade e capacidade de decidir. Além disso, falar com o coração não significa indicar um sector ou uma parte da pessoa, mas a globalidade do seu ser, a sua interioridade em oposição ao que é superficial, a verdade íntima em relação ao que é simplesmente aparente, provisório ou enganador.

A dimensão do coração é muito importante nas relações interpessoais. Nestas, o coração exprime, antes de mais, verdade e transparência, mas também amabilidade e ternura de relação. Expor ou “extravasar” o próprio coração significa revelar os próprios sentimentos ou pensamentos, o segredo da própria existência; ao passo que ter acesso ou falar ao coração de alguém indica conhecimento íntimo do outro e comunicação de afecto. O coração de alguém é o seu segredo profundo, que só é conhecido na medida em que a própria pessoa se revela e entra em comunicação com outras.

Não admira, portanto, que “o coração”, isto é, o homem na sua verdade pessoal e íntima, seja o campo por excelência da relação com Deus. O Criador conhece os seus impulsos mais íntimos, cura as suas feridas, quebra a sua dureza, instrui-o e renova-o. Por isso, consciente da fraqueza e desvios do coração humano, Deus anuncia, por boca do profeta Ezequiel, o dom de um coração novo, por obra do seu Espírito, como sinal e antecipação dos tempos novos da salvação: “*Dar-vos-ei um coração novo e porei dentro de vós um Espírito novo*” (Ez 36,26).

1. Olhar para o Coração de Cristo

À luz do que se acaba de expor, falar do “Coração de Jesus”, ou do “Coração de Cristo”, não é uma referência a uma parte ou dimensão do seu ser, mas à totalidade da sua pessoa e das suas relações com o Pai e com as outras pessoas. É, ao mesmo tempo, dom e convite ao conhecimento e à experiência do seu ser, do segredo da sua vida e missão.

Antes de mais, o “Coração” leva a *olhar para a humanidade de Jesus*, como Verbo feito carne e que veio habitar entre nós (Jo 1,14). Nos seus gestos, pode-se contemplar a solicitude de Deus pela humanidade, a sua proximidade a toda a pessoa, independentemente da sua raça, cultura ou condição social; a prioridade da atenção aos mais pequenos, aos que sofrem e são marginalizados; a fidelidade do amor, mesmo perante a recusa, o sofrimento e a morte. O “Coração relacional” de Cristo exemplifica, de forma humana, o imperecível amor de Deus para com a sua criatura predilecta: o ser humano, mas é, ao mesmo tempo, expressão do melhor que o ser humano pode ser, nas relações com os outros e com o Criador. Por isso, apresenta-se como modelo a seguir e a imitar – “*Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração*” (Mt 11,29) – numa clara referência às bem-aventuranças, que descrevem o ideal da vida humana a partir do seu íntimo, do seu coração (Mt 5,3-12). É a partir desta sua humanidade, como Emanuel (Deus

conosco), que Jesus Se torna, ao mesmo tempo, revelação do amor de Deus e modelo que se pode imitar, caminho possível para todo o homem e mulher deste mundo.

Os gestos e palavras de Jesus, a proximidade com os seus, levam a interrogar-se sobre a sua verdadeira identidade, sobre o íntimo segredo do seu ser, sobre o seu “Coração”. Esta é a pergunta que assoma aos lábios das multidões e dos discípulos, ao longo de todo o Evangelho, e que encontra resposta, na medida que Ele mesmo Se revela e os discípulos se avizinham do seu mistério. E o que lhes é dado contemplar é que Jesus não é apenas o que há de melhor no ser humano, mas é *o homem novo na plenitude do Espírito*, o Filho de Deus. Não é o simples resultado de um aperfeiçoamento do ser humano, mas uma intervenção radicalmente nova de Deus, que dá início a uma nova humanidade pela efusão do seu Espírito, segundo a revelação do baptismo junto do Jordão (Mc 1, 9-11) e a figura do novo Adão na apresentação do apóstolo Paulo (cf. Rm 5,12-21).

Mas Cristo não é só a exemplificação do homem novo, na plenitude do Espírito do Pai; é também *aquele que baptiza no Espírito*. Segundo o anúncio de João Baptista, onde ecoa a profecia do coração novo do profeta Ezequiel, a verdadeira transformação do ser humano, segundo o projecto de Deus, não é fruto apenas dos esforços de arrependimento e de conversão (o baptismo de água), mas do dom do próprio Espírito de Deus, que Jesus possui em plenitude: “*Eu baptizo-vos com água, mas Ele baptizar-vos-á no Espírito Santo*” (Mc 1,8).

A revelação de Jesus como fonte do Espírito é muito cara ao Evangelho de João, que culmina no episódio do *lado trespassado de Jesus*, donde brotam sangue e água, sinais da vida e do Espírito derramados sobre a humanidade (Jo 19,31-37). No golpe da lança, o evangelista contempla a revelação da verdade mais clara e profunda acerca da vida de Jesus, no momento em que termina a sua missão neste mundo. É a prova culminante de uma vida oferecida por amor até às últimas consequências: “*Tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até ao extremo*” (Jo 13,1). Indica, de certa maneira, o nascimento do homem novo, capaz, não só de uma vida livre do egoísmo e do pecado, mas finalmente arrancado das cadeias da morte, porque acolhido na glória do Pai. Dá início à comunidade nova, formada pelo primeiro e segundo Israel, representados pela Mãe e pelo discípulo junto da cruz. Esta nova humanidade é reunida, fecundada e orientada pelo Espírito, simbolizado no sangue e na água, que gera uma nova existência e abre novos horizontes de relação e de vida.

O lado trespassado de Jesus revela uma outra dimensão fundamental. A manifestação suprema do amor e do dom de Si mesmo faz-se no meio do drama da recusa, do ódio, da violência e da morte, que avassala a humanidade. Esta sente uma enorme necessidade de se libertar dessa espiral infernal de violência e de morte, de ser reconciliada nas suas rupturas, regenerada da corrupção, recriada com um novo princípio de vida. No lado trespassado, resumo do mistério pascal, revela-se essa *reparação ou regeneração da humanidade* ferida pelo pecado, que corrompe as relações humanas e impede a relação com Deus. Em fiel obediência ao projecto do Pai, de oferecer à humanidade o Espírito da regeneração, Cristo carregou sobre Si o peso da degradação humana, “*até à morte e morte de cruz*” (Fil 2,8). Mesmo na recusa, no sofrimento e na morte, permanece fiel ao amor, recusando as soluções de violência e de repressão e afirmando a possibilidade de um novo caminho na solidariedade, na reconciliação e no perdão. Como Filho de Deus e dador do Espírito, torna possível esse caminho também para nós, tornando-Se “*fonte de salvação eterna*”, como diz a carta aos Hebreus (cf. He 5,7-10). O Espírito torna possível a superação da morte e das demais consequências do pecado: corrupção, divisão e violência, que destroem a convivência humana.

Aproximar-se ou deixar-se atrair assim do Coração de Cristo não é apenas uma visão contemplativa ou especulativa, mas um caminho que empenha a pessoa inteira, como o exige a lógica própria do coração. Torna-se proximidade, compreensão, identificação e transformação, a partir do pedido e da disponibilidade para receber o dom do Espírito. Este caminho de configuração ou de “cristificação” é o que procuraremos esboçar na segunda parte da carta, a partir de três atitudes fundamentais que o caracterizam: um coração que escuta, um coração aberto aos outros, um coração solidário.

2. O caminho do coração

2.1 Um coração que escuta

O itinerário de vida que provém deste aproximar-se ao Coração de Cristo começa pelo *regressar ao próprio coração*. Sobretudo no ritmo alucinante imposto pela sociedade contemporânea, dar espaço ao coração é requisito fundamental para evitar a manipulação e a alienação, conservar a saúde mental e a harmonia do próprio ser e conquistar a liberdade interior que permite avaliar correctamente as situações e desenvolver um próprio projecto de vida. Inclui um constante processo de cura e de reconciliação do próprio “eu”, a nível psicológico, moral e espiritual, de forma a impedir que as feridas do passado continuem a perturbar o presente e o futuro. Exige a formação e o treino disciplinado do próprio coração, para se ser capaz de olhar para a vida com sabedoria e coerência, julgar com verdade e justiça, empenhar-se com generosidade e com toda a energia do próprio ser na construção do mundo.

O objectivo deste regresso ao coração é possuir-se a si mesmo em liberdade. Uma liberdade que vai muito além do próprio “eu”, na procura de novos sentidos e novas relações, pois o coração humano foi criado como peregrino da verdade.

Regressar ao coração não significa fechar-se no interior do próprio “eu”, mas um processo dinâmico de procura e de diálogo, que leva a pessoa às portas do *coração novo no Espírito*, segundo o dom e o projecto de Deus. A viagem do coração leva ao encontro com Aquele que o criou. O dom do Espírito não anula o coração humano, mas abre-o a novas possibilidades a nível da existência, da moral, das relações e da esperança.

Este caminho tem um guia, um modelo e um apoio: *Cristo, o Homem Novo segundo o Espírito*, protótipo e primogénito da nova humanidade e dador do Espírito. O nosso “caminho do coração” passa através do Coração de Cristo, “*caminho, verdade e vida*” (Jo 14,6). Para o apóstolo Paulo, a comunhão com Cristo é uma simbiose que o leva a reproduzir na própria existência as atitudes do próprio Cristo: “*Fui crucificado com Cristo. Já não sou eu que vivo; é Cristo que vive em mim*” (Gal 2,19). Não se trata apenas de imitar os gestos de um mestre, mas mais radicalmente trata-se da obra do Espírito que faz da pessoa uma criatura nova, segundo o modelo e os sentimentos de Cristo.

Viver, pensar e agir segundo esta “segunda natureza” ou esta “natureza renovada” não é só fruto do esforço e da ascese, mas é dom do Espírito. Por outro lado, o homem velho, ou primeiro Adão, continua bem presente na existência daqueles que se puseram em caminho, bem como na mentalidade dominante da sociedade em que vivemos. Daí a exigência de uma *constante escuta do Espírito* que cura, reconcilia, educa e guia o coração, como descreve Paulo, sobretudo no capítulo 8 da carta aos Romanos.

O itinerário de Emaús, que acima evocámos, indica dois elementos fundamentais desta escuta que transforma a existência. Ao longo do caminho, os dois discípulos, guiados pelo misterioso companheiro de viagem, confrontaram a palavra dos profetas e de Jesus com a sua vida e com a dos outros discípulos. Depois, ao anoitecer, reconheceram-n’O no partir o pão, quando Se sentou à mesa com eles. Aquele que aceitou a morte como expressão de fidelidade e de amor e que agora se torna presente entre os seus, é o único capaz de dar sentido ao escândalo da recusa, do sofrimento e da morte, através dos quais passa a redenção da humanidade.

Hoje, a *“lectio divina”* e a *Eucaristia* são momentos privilegiados do tempo consagrado à renovação deste encontro com Cristo ressuscitado na comunidade. É uma escuta que alimenta a comunhão com Deus e com a comunidade; ensina a discernir o sentido do momento actual, na sua esperança e no seu drama; modela o coração e configura a vida no seguimento de Jesus; torna possível a oferta da própria vida, na alegria e no sofrimento, para a transformação do mundo.

Conscientes de levar este *“tesouro em vasos de barro”*, quer pelo peso das nossas culpas, quer pela fraqueza física ou dificuldades da vida, do trabalho ou dos relacionamentos, abrimos o coração à acção do Espírito, num processo de constante purificação e renovação, de modo que, *“embora o nosso ser exterior se vá desfazendo, o interior se renove de dia para dia”* (cf. 2Co 4,7-18), até que se completa, também em nós, a medida do homem novo em Cristo.

2.2 Um coração aberto aos outros

O caminho do coração é profundamente relacional: ensina a criar pessoas livres das limitações do egoísmo e das amarras das feridas e ressentimentos, capazes de relações fraternas, marcadas pela verdade, justiça, misericórdia, amor. À luz do Espírito, este caminho relacional abre-se a novos horizontes: desde a sua efusão no dia de Pentecostes, o Espírito revela-Se como gerador de uma nova família humana, removendo as barreiras de nação, raça ou cultura. Esta comunidade tem por modelo e primogénito o Senhor Jesus, que supera toda a divisão e violência com o amor e o perdão para os próprios perseguidores, tornando-se dom de reconciliação e de paz.

A primeira realização deste projecto de criação de Deus, tem lugar no âmbito da própria família, onde se aprende a amar e ser amado para além do próprio interesse ou utilidade, na gratuidade do próprio amor. Construindo a sua comunidade, não já sobre as raízes do sangue, da cultura ou etnia, Jesus não anula esta dinâmica natural do coração humano. Ao contrário, vendo os discípulos sentados à sua volta, apresenta-os como sendo *a família dos que escutam* e realizam a vontade de Deus (cf. Mc 3,31-35). A ternura e a atenção de mãe, pai, irmão e irmã devem caracterizar as relações entre eles. Assim, o encontro com Cristo conduz sempre a esta nova família, tanto nos percursos do Jesus histórico, pela Palestina, como nos encontros com o seu Espírito, depois do Pentecostes, nas estradas do mundo inteiro. O contacto dos discípulos de Emaús com o Senhor ressuscitado, que representa o caminho da Igreja, é um exemplo disso. Depois de terem reconhecido o Senhor, *“partiram imediatamente e voltaram a Jerusalém”* para se reintegrarem na comunidade dos discípulos (Lc 24,33). Os caminhos pessoais com o Espírito do ressuscitado terminam sempre na sua comunidade.

A vida no seio desta comunidade tem um *modelo e uma lei, que é Cristo e o seu amor:* *“Amai-vos uns aos outros como Eu vos amei. Nisto todos vos reconhecerão como meus*

discípulos, se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,34-35). A configuração com Cristo, o homem de Coração novo, na força do seu Espírito, torna-nos capazes de participar na construção da nova humanidade, segundo o projecto de Deus. A sua atitude de Mestre e Pastor, o cuidado que tem pelos discípulos, pelos doentes e pecadores e o amor levado às últimas consequências, até à morte, constituem a fonte de inspiração, a regra e o distintivo dos membros da sua comunidade. Por isso, toda a comunidade cristã se compreende e organiza, antes de mais, como comunidade de oração, para acolher e escutar a voz do seu Senhor, discernir a sua vontade, recompor as rupturas, orientar e tornar fecunda a missão.

O desafio da comunhão é particularmente importante nas nossas **comunidades de consagrados**, que aceitam o convite para um seguimento radical de Cristo, testemunhar o seu amor e pôr-se inteiramente ao serviço da construção do mundo novo na força do Espírito. Nas relações com os outros, a começar pela própria comunidade, pode ver-se até que ponto nos deixamos realmente converter e configurar com o Coração de Cristo. Sem o testemunho do amor concreto, enganamo-nos a nós mesmos (cf. 1Jo 4,20) e não passaremos de vendedores de fumo. A configuração do coração com Cristo, na sua dimensão relacional, exige uma constante conversão e reconciliação, de modo que cada um possa fazer, nas relações com os outros, a experiência de oferecer e receber o amor de Cristo, traduzido em gestos concretos de acolhimento, perdão, ajuda, colaboração e esperança.

Não nos devemos, porém admirar se as nossas comunidades não são perfeitas e se nelas há conflitos, divisões, incompreensões e rupturas. O coração humano e o tecido social de que fazemos parte continuam marcados pelo egoísmo, pela exploração e abuso dos outros, pela injustiça e opressão, pelo conflito e pela morte. O **dinamismo da reparação/regeneração**, presente na solidariedade de Cristo com a humanidade, leva-nos a olhar para tudo isso com um coração de “com-paixão” responsável e de esperança. Perante o peso das nossas relações e do pecado das nossas comunidades e da Igreja, é grande a tentação de desanimar, de deixar de participar ou pôr-se de parte, ou então revoltar-se, assumir uma atitude de crítica externa ou de recusa. Cristo, o homem novo, não se comportou assim! Diante da incapacidade dos discípulos de compreender e assumir o seu programa de novas relações, não desistiu, nem os mandou embora ou condenou. Manteve-Se fiel e solidário, quando faliram; continuou a afirmar claramente o seu caminho, quando seguiam outras solicitações; carregou sobre Si o peso da reabilitação deles, quando caíram; pagou o preço do seu resgate, quando ficaram reféns do medo e da desilusão ... e nem chegou a ver com os olhos terrenos a sua recuperação. Será depois da sua morte e ressurreição, pela acção do Espírito, que começarão a compreender e a usar a nova lógica do amor e da reconciliação, na construção da sua comunidade. Dada a inconsistência do coração humano, não é possível um autêntico projecto de comunhão duradoura sem esta nova lógica de oferecer-se a si mesmo para reconciliar, reparar, regenerar: fazer com que onde abunda o pecado, superabunde a graça e o perdão (cf. Rm 5,15).

Uma característica fundamental do amor de Cristo é a sua **universalidade**, para além de toda a língua, cultura ou nação. Na lógica do projecto de Deus, o caminho do coração é um itinerário de libertação de si mesmo em círculos cada vez mais largos, até abranger a humanidade inteira. Por isso, a dinâmica da comunidade que vivemos sob o impulso do Espírito de Cristo abre-nos e prepara-nos para viver a internacionalidade nas nossas comunidades e nos nossos projectos de missão. Para um dehoniano, a perspectiva intercultural e internacional não é simples concessão a uma moda ou uma estratégia de desenvolvimento, mas é dimensão

fundamental para quem se deixou contagiar e transformar pelo Coração de Cristo e quer colaborar na construção da sua Igreja e na renovação do mundo.

Isso exige uma consciência e afirmação da própria cultura e riqueza tradicional, de modo a poder enriquecer a comunidade intercultural, mas requer igualmente a libertação de toda a forma de preconceito, discriminação ou arrogância, baseados na raça, etnia ou cultura. Vivemos num mundo marcado pela globalização, mas onde cada vez mais emergem abismos de intolerância, marginalização e exploração dos mais fracos, pela imposição do pensamento, da cultura e dos interesses dos mais fortes. A experiência da interculturalidade, que vemos crescer na Congregação, pretende ser a expressão do contributo evangélico na construção de um mundo universalmente mais fraterno.

2.3 Um coração solidário

A universalidade do *amor de Cristo impele-nos para a missão* (cf. 2Co 5,14ss). É esta urgência que leva o próprio Paulo a dizer “*Ai de mim se não anunciar o Evangelho!*” (1Co 1,17), e que a primeira carta de João liga à experiência do amor de Cristo: “*Nisto conhecemos o amor: Jesus Cristo ofereceu a sua vida por nós. Também nós devemos oferecer a vida pelos nossos irmãos* (1Jo 3,16). Nascido pelo Espírito do Pentecostes, o caminho do coração torna-se um itinerário para todas as estradas da humanidade, próximas e distantes, acolhendo os esquecidos, curando as feridas, reconciliando os conflitos, colaborando com os esforços de desenvolvimento, infundindo esperança e anunciando a presença de Deus na vida e na história dos homens.

Penetrando no Coração de Cristo, compreendemos mais profundamente *a lógica da missão* como solidariedade de Deus, que não se limita a oferecer de longe a sua salvação ou a perdoar os pecados na sua misericórdia. Em Jesus, Ele veio para o meio da humanidade pecadora, partilhando o seu drama, angústias e esperanças, abrindo, apresentando e tornando possível um caminho novo como homem e Filho de Deus. No seu “*ecce venio*”, de que faz eco o “*ecce ancilla*” de Maria, descobrimos uma disponibilidade para a missão, feita de comunhão consciente com o projecto do Pai e de liberdade obediente para realizá-lo. Nesta luz, compreendemos a lógica do Bom Pastor, que organiza o próprio rebanho e quer ir buscar as ovelhas que estão fora (Jo 10,16), que perde o tempo com uma única que se tresmalhou e necessita de cuidados especiais (Lc 15,4-7) e que, por todas, oferece a própria vida.

Assumir assim a missão exige um *coração livre, humilde e generoso*, unido ao de Cristo. Antes de mais, fica excluída toda a espécie de imposição, arrogância ou violência. O confronto com a recusa, a indiferença ou a violência exige, pelo contrário, uma solidariedade fiel, que não abandona, não julga e não destrói, mas toma sobre si o peso da regeneração e da vida. Quem anuncia, não o faz como projecto próprio, mas em nome de Cristo e como enviado de uma comunidade, em comunhão com outros irmãos e irmãs. Muitas vezes terá de renunciar aos próprios planos, porque a missão o chama para outro lado. Alegra-se, como lemos nas páginas do Evangelho, com os sinais do Reino que descobre à sua volta e com o trabalho dos outros, sentindo-se fraterno com todos os que procuram o bem. Estará próximo de todos os que sofrem e anunciará a Boa Nova da esperança, partilhará as alegrias e lágrimas e será também capaz de derramar o seu sangue como dom extremo de si mesmo, porque a sua vida estará sempre nas mãos do Pai. Na sua palavra e na sua vida, os povos reconhecerão que Deus veio para junto deles.

A missão está *presente em toda a parte no mundo*, perto de cada um de nós e de cada uma das nossas comunidades. Exige-se de todo o dehoniano, antes de mais, a coragem e a solidariedade do anúncio, que supera a administração das nossas obras e procura sempre tornar-se presente, com todos os meios ao alcance, mas sobretudo com todo o coração, junto dos que estão fora, que passam privações, que são esquecidos. Não se pode todavia esquecer que da missão faz parte pôr-se em caminho, olhar para além das necessidades locais, ultrapassar confins e contactar com outras culturas e regiões, como também outros areópagos da actividade humana, no campo social, económico e das comunicações. Tornar-se disponível e preparar-se para essa missão faz parte da nossa vocação, porque é implícito no Coração universal de Cristo. A dimensão internacional e intercultural assume uma importância especial neste momento da vida da Congregação e da história, unida ao crescimento da interculturalidade da nossa experiência comunitária. Neste tempo de globalização, queremos contribuir, com a nossa comunhão e missão, para fazer de Cristo o coração do mundo.

Conclusão

As raízes da herança espiritual que recebemos do Padre Dehon revelam-nos um precioso tesouro de reflexão bíblica e teológica, centrada na espiritualidade do Coração de Jesus, ícone do amor de Deus, que Se fez homem entre nós. Leva-nos à intimidade da pessoa de Cristo: a sua comunhão com o Pai, o seu serviço solidário até à morte, a sua presença na Igreja e o dom do Espírito, capaz de transformar o nosso ser à sua imagem de Homem Novo segundo o projecto de Deus.

A configuração com Cristo dá origem a um caminho de vida, guiado e tornado possível pelo seu Espírito, que transforma o nosso coração. É um percurso feito de escuta da voz do Espírito, que gera a nova família do Ressuscitado, convocada de entre todos os povos e culturas, anúncio e sinal do mundo novo, segundo o projecto de Deus. Deixar-se transformar pelo Espírito de Cristo significa percorrer a estrada da existência com coração livre e solidário, alegrando-se e colaborando na transformação do mundo. Significa também tomar sobre si o sofrimento, as dificuldades e as lágrimas dos companheiros de estrada, muitas vezes vítimas da injustiça, da violência ou da própria fraqueza, sem desviar o olhar ou resignar-se, sem recorrer à rebelião violenta ou à vingança destrutiva. Este é o caminho que o Homem de Coração Novo abriu no meio do drama da humanidade, abrindo-a aos horizontes da misericórdia e do poder do Pai.

A parábola do bom samaritano (cf. Lc 10-29-37) nos sirva de quadro e de inspiração final desta reflexão sobre o “caminho do coração”. Nessa nossa estrada, o importante não são as nossas origens, cultura, títulos, funções ou vestes; importante é o coração, que determina o nosso modo de olhar, julgar e agir. Atraídos e modelados por Cristo, bom samaritano da humanidade, ouçamos a sua voz que nos abre os olhos do coração e nos provoca: *Vai e faz também tu o mesmo!*

Com votos de uma boa Festa do Coração de Jesus!

*P. José Ornelas Carvalho
Superior Geral SCJ
e seu Conselho*

Mensagem do Superior provincial para a festa do Sagrado Coração

Estimados confrades

Queridos seminaristas

Irmãos e irmãs da grande família dehoniana

Na solenidade do Sagrado Coração de Jesus renova-se para todos nós a oportunidade especial para confirmar a *centralidade de Cristo* em nossas vidas. O Ano Sacerdotal, por se encerrar, trouxe-nos belas vivências e ricas reflexões sobre a *'Fidelidade de Cristo e a nossa fidelidade'*. Pela consagração e, mais ainda, pelo ministério ordenado, somos configurados ao Coração Sacerdotal do próprio Cristo, garantia da nossa fecundidade sacerdotal. E mais, o Seminário Pastoral *'Missio Cordis'*, celebrado há poucos dias, mostrou-nos toda a atualidade de nosso carisma para a atual conjuntura da Igreja e do mundo, que necessitam de pastores com um *'coração que escuta, aprende e anuncia'*. O nosso Superior Geral, Pe. Ornelas, em sua mensagem para a Festa maior da nossa Congregação, nos exorta a aprofundarmos a nossa adesão a Cristo, deixando-nos modelar segundo o Seu coração. Olhar para o Cristo e aprender o *'caminho do coração'*, um coração que escuta e acolhe, um coração que é aberto aos outros e aprende, um coração solidário que anuncia e testemunha o amor de Deus.

Desejando marcar esta grande data e, sobretudo, pensando em fazer deste momento um acontecimento marcante para todos nós, organizamos um *Encontro Dehoniano*, no estilo *Encontro Família*. Vocês já receberam o convite e a programação. Será uma bênção. Imperdível. É o encontro da Família Dehoniana: *"Que todos sejam um"*(Jo, 17). Esperamos você ainda que seja só por algum momento, especialmente na sexta-feira de manhã.

Aproxima-se também a data de nosso Retiro Dehoniano. O pregador será D. Eusébio Oscar, scj, Cardeal emérito do Rio de Janeiro. As colocações ao longo do dia estarão ligadas ao tema: *Sacerdotes segundo o Seu Coração*, tendo como ponto de referência o lema: *"Eu te exorto a reavivar a chama do dom de Deus que recebeste pela imposição de minhas mãos."* (2 Tm, 6). Sua presença é motivo de alegria e encorajamento para todos nós.

Como acontece todos os anos, em algum momento de maior concentração de religiosos dehonianos, comemoramos juntos os jubileus de vida religiosa e sacerdotal dos confrades. Este ano a solenidade coincide com o encerramento do retiro dehoniano. Será no dia 22 de julho, uma quinta-feira, às 19h, na Igreja matriz São Sebastião, Jaraguá do Sul. O jantar de confraternização terá lugar na casa de retiros Sagrado Coração de Jesus, bairro amizade, Jaraguá do Sul.

Concluindo, confio-os todos ao Sagrado Coração de Jesus, como também todas as nossas obras, projetos e atividades. Que transcorridos os dias destas festividades possamos todos retomar com mais alegria e entusiasmo as nossas atividades, na certeza do Seu amor por todos nós.

Invocando a proteção do Imaculado Coração de Maria, abençoo a todos.

In Corde Iesu!

Pe. Léo Heck, scj

Viagem ao Paraguai

P. Léo Heck esteve em Assunção, Paraguai, nos dias 7 e 8 de maio. Na véspera, pela primeira vez, reuniram-se os cinco missionários para dar início à experiência de vida comum, aprendizado do guarani e planejamento das atividades missionárias. Houve uma reunião para trocar idéias

sobre o início dos trabalhos em agosto. P. Arildo é o coordenador do projeto. Deverá ser constituída uma comunidade territorial abrangendo as duas casas, Assunção e Alberdi.

Dom Wilson transferido

Dia 26 de maio o Papa transferiu Dom Wilson Tadeu Jönck da Arquidiocese do Rio de Janeiro para a diocese de Tubarão, como Bispo titular.

Ordenações

No dia 30 de maio D. Vilson Basso foi ordenado Bispo de Caxias, no Maranhão. P. Léo Heck e P. Odilo Leviski estiveram presentes pelo governo provincial.

Dia 29 de maio foi ordenado presbítero em Campo Alegre, SC, o diácono Marcos **Jonizei** Pereira de Lima. Ele foi ordenado por Dom Irineu Roque Scherer, bispo de Joinville. P. Marcos atuará como presbítero no Seminário de Rio Negrinho.

Dia 10 de junho, às 18:00 h, o diácono **Simão Pedro** Claudino dos Santos será ordenado presbítero na Matriz São Sebastião, de Jaraguá do Sul.

Admissão aos votos

O Conselho provincial, em sua última reunião, aprovou à primeira profissão os candidatos Valmir José Dilli e Leandro Neuri Leidemer. Eles retornam à congregação e farão nova profissão no dia 11 de junho, em Corupá. Valmir Dilli passará a residir em São Bento do Sul, paróquia Puríssimo Coração de Maria, e Leandro Leidemer, em Nereu Ramos.

Leitorado e Acolitado

Dia 8 de junho ao fratres Gilberto Moisés Mittelstaed, Maicon Frasson e Zaqueu Suczeck recebem o Leitorado e Acolitado, em Taubaté.

Notícias das Filipinas

Aqui estamos na época da preparação dos teólogos para a renovação dos votos, os noviços se preparando para a primeira profissão dia 13 de maio e temos também um grupo de 8 indianos, 1 filipino, 3 vietnamitas e um canadense preparando-se aqui para os votos perpétuos, na área geográfica da Ásia. (P. Benê).

P. Adalto em Roma

P. Adalto Chitolina esteve em Roma entre os dias 4 e 11 de maio. Ele foi convidado para integrar a equipe encarregada de rever a *Ratio Formationis Generalis* da Congregação. Um questionário será enviado aos formadores da Congregação.

P. Adalto em Córdoba

De 14 a 17 de maio P. Adalto Chitolina esteve em Córdoba, na Argentina, assessorando uma congregação religiosa feminina.

P. Wilson Hobold em Curitiba

P. Wilson Hobold, superior provincial do Congo esteve alguns dias na sede provincial. Ele passa férias no Brasil.

Encontro dos religiosos jovens

De 10 a 14 de maio aconteceu em Jaraguá do Sul, no noviciado Nossa Senhora de Fátima, o encontro dos religiosos que tem até 15 anos de votos perpétuos. A assessora Ir. Ivana do IATES de Curitiba, tem apresentado esses dias o tema da saúde e qualidade de vida. Chamou a atenção para as experiências que nos nutrem como seres humanos e que nos ajudam a vivermos saudavelmente a VRC e a vocação presbiteral. O encontro se caracterizou por muitas partilhas entre os religiosos. Na noite de terça-feira, a médica Fátima de Corupá fez uma palestra sobre o tema qualidade de vida e questionou sobre a grande porcentagem que nossas escolhas interferem significativamente em nossa saúde e bem estar. O encontro contou com 28 participantes.

Fábrica de velas

A BM acabou de adquirir uma fábrica de velas que funcionava em Jaraguá do Sul. A fábrica será montada no seminário de Corupá. As paróquias serão informadas de como proceder para adquirir as velas tão logo a fábrica esteja em atividade.

Museu Irmão Luiz Gartner

No último dia 27 de maio o seminário de Corupá assinou o convênio com o Governo do Estado de Santa Catarina referente ao repasse de R\$ 217.848,00 para obras de adequação e ampliação do Museu Ir. Luiz Godofredo Gartner. As obras de reforma começam no dia 14/06 e tem duração prevista de 4 meses.

10º Encontro de animadores vocacionais da BM

Aconteceu nos dias 14,15 e 16 de maio, no Noviciado, em Jaraguá do Sul, o 10º EAV da BM. Esse ano a Comissão Vocacional aprovou a possibilidade de realizar um Retiro Querigmático. Esse retiro foi pensado e rezado, a partir de testemunhos de acordo com o seguinte itinerário: amor de Deus, pecado, Jesus Salvador, fé e conversão, dons do Espírito Santo, comunidade. Adolescentes, jovens, casais e famílias foram os protagonistas do retiro. Padre Jairson Hellmann conduziu o primeiro dia, pela manhã até a tarde de sábado o Padre Rubens, o padre Sérgio presidiu a missa na parte da noite e no domingo pela manhã padre Tito presidiu a missa, dirigindo aos animadores a palavra do provincial: "Caros animadores vocacionais, somos chamados a ser "discípulos missionários a serviço das vocações". Guiados pelo Evangelho e iluminados pelo Documento de Aparecida, o texto para o 3º Congresso Vocacional do Brasil insiste na preparação e na formação dos que trabalham na evangelização no Serviço de Animação Vocacional. De fato, a tarefa fundamental e a mais importante do Serviço de Animação Vocacional, como instrumento do Espírito de Deus, é fazer com que os vocacionados tenham um "encontro com um acontecimento, como uma Pessoa, que dá novo horizonte à vida e, com isso, uma orientação decisiva"(DA, 12). Trata-se do encontro com a Pessoa de Jesus Cristo vivo. É exatamente isto o que vocês estão experimentando hoje. Me uno a todos vocês, religiosos, padres, frades, seminaristas, leigos e leigas, agentes vocacionais por aceitaram o convite e o desafio de, nestes dias, aprofundar e reavivar o encontro pessoal com Jesus Cristo. Deste modo vocês estarão melhor preparados para o desafio de levar os irmãos até a Pessoa de Jesus, que chama e distribui as vocações segundo as necessidades. Parabéns pela iniciativa e que Nossa Senhora de Fátima, a primeira discípula missionária fidelíssima, vos abençoe a todos. Unidos em prece, envio minha bênção." P. Léo Heck, scj, superior provincial. Logo após a missa, com o tema comunidade, foi se encaminhando o final do Retiro. Estiveram presentes 64 pessoas. Os noviços participaram integralmente com também um representante de cada etapa de formação. Agradecemos aos formadores e as casas de formação pelo investimento e disponibilidade para a animação vocacional. Aos párocos e vigários de nossas paróquias dehonianas nosso agradecimento pelo apoio aos nossos animadores vocacionais. Ainda é urgente convidar mais pessoas para formar a PV em nossas paróquias e comunidades. Algumas comunidades não puderam enviar seus animadores e justificaram a ausência. O EAV não é nada

de novo, apenas uma continuidade de um trabalho que existe, ao menos, há 20 anos e que desde o início da nova província BM tem acontecido aqui no sul. Ano que vem estaremos realizando o 11º EAV. Contamos desde já com o agendamento nos calendários paroquiais para o 3º final de semana de maio de 2011. Um agradecimento especial à equipe que trabalhou neste retiro, como também aqueles que deram o testemunho de vida e a animação vocacional que demonstraram nesses dias através da oração, da palavra e do exemplo. Que a pequena palavra que motivou os discípulos de Jesus, continue ainda motivando nossos corações para o seguimento: "VEM"

Estágio Vocacional em Rio Negrinho

Aconteceu nos dias 21, 22 e 23 de maio em Rio Negrinho, no Seminário São José o estágio vocacional para adolescentes de 5ª série até o ensino médio. Estiveram presentes 32 rapazes, de nossas paróquias como também de comunidades diversas. O encontro foi muito bem organizado pela comunidade do Seminário. Contou com o apoio de alguns padres que enviaram e até financiaram a vinda de vocacionados. Os três dias despertaram ainda mais o desejo de fazer parte da caminhada de seminarista na congregação. Os adolescentes participam ainda de mais dois estágios, um em setembro e o outro em novembro, e continuam o acompanhamento através de cartas e encontros nas paróquias e nos seminários. Ainda é possível encaminhar jovens para o estágio de setembro. Para vocacionados adultos o estágio está marcado para os dias 8, 9 e 10 de outubro em Rio Negrinho. A comissão vocacional tem muito a agradecer neste tempo de graças que a província está vivendo. Como disse o Padre Tito no retiro querigmático: "Não há crise de vocações e sim crise de experiência de Deus". As novas gerações têm dado exemplo disso. A Juventude é um tempo também teológico, diz o documento da CNBB, sobre a juventude. Deus quer a messe não pereça por falta de pastores. Dai-nos sacerdotes segundo o vosso coração. (Comissão Vocacional)

Santuário de Santa Rita jubilar

Dia 22 de maio o Santuário de Santa Rita de Cássia, em Curitiba, festejou 50 anos de paróquia e 25 de Santuário.

100 anos de Albino

Dia 10 de maio a casa de Albino, Itália, comemorou 100 anos de fundação. Funcionou como seminário menor por muito tempo. Hoje é casa de retiros. Padre Dehon se empenhou pela casa e esteve presente na inauguração. A primeira comunidade era internacional e seus membros falavam francês entre si. Os bergamascos os chamavam "precc francéss", os padres franceses. A casa determinou o início da futura província italiana que foi dividida em 1960.

Nossos falecidos

P. Lawrence Gauthier - US

Nasceu: 24.06.1926

Faleceu: 08.05.2010, em Brookfield, USA.

P. Vito Orazio Lisi – IM

Nasceu: 22.11.1933

Faleceu: 18.05.2010, em Andria, Itália